

Coluna do Castello

Retorno ao palco

À exceção, esperada, de Leonel Brizola, os demais governadores que se reuniram com o presidente José Sarney deixaram o Palácio do Planalto reafirmando seu apoio ao recente decreto que virou a economia nacional pelo avesso, ou quase isso. O PMDB, de sua parte, parece ter esquecido, de vez, que há menos de uma semana ameaçava distanciar-se do presidente da República. O colégio de vice-líderes na Câmara Federal aprovou a permanência do deputado Pimenta da Veiga como líder do partido e como líder do Governo entre seus pares.

O programa de combate à inflação e de reforma da economia teve o dom de fulminar todas as demandas. O PMDB rendeu-se ao Governo e se empenha, agora, em tirar proveito eleitoral da mobilização popular detonada pelo discurso do presidente na última sexta-feira. O Partido da Frente Liberal disfarça o ciúme que sente por ter Sarney oferecido ao PMDB um respeitável arsenal de campanha e insiste, ainda que timidamente, que a luta contra a inflação também é sua. O programa pôs na defensiva os adversários mais temidos do Governo — a CUT, o PT e o PDT.

O governador do Rio de Janeiro dirá nesta quinta-feira, quando for ao ar o programa do PDT, que foram criadas as condições ideais para o restabelecimento, já em novembro, das eleições diretas para presidente. Afinal, como argumenta Brizola, o Governo alega que o déficit público está sob controle, que a inflação recebeu um golpe de morte e que o povo nas ruas jamais concedeu um aval tão expressivo a um governante quanto o obtido por Sarney, de acordo com a pesquisa do Ibope. "Se tudo ficou tão bem, por que não conceder maioria política ao povo?" — provoca o governador.

O discurso de Brizola não disfarça a aflição do líder que acaba de assistir a uma manobra política inteligentemente operada pelo adversário. Sarney, na verdade, aplicou uma rasteira coletiva nos partidos em geral — e nos seus desafetos em particular. Propôs, e os brasileiros aceitaram com entusiasmo, um pacto que dispensou intermediários. Assiste, agora, a adesão ao pacto dos partidos e ao fortalecimento de sua liderança pessoal. Sarney reacendeu a esperança de mudanças que parecia apagada para sempre desde a morte do presidente Tancredo Neves. O povo veio atrás.

O gesto do presidente de convocar os brasileiros a se tornarem agentes ativos do processo econômico ainda levará algum tempo para ser avaliado em suas devidas dimensões — e poderá desatar conseqüências que a ninguém, no momento, é possível adivinhar com uma certa margem de segurança. Empurrado para fora do palco, especialmente nos últimos 21 anos de autoritarismo, nele reintroduzido por ocasião da campanha pelas "diretas já" e pela eleição de Tancredo, o povo foi, uma vez mais, devolvido à condição de espectador do processo após a reunião do Colégio Eleitoral.

Está de volta ao palco. Um presidente que assumiu com sua legitimidade contestada, que se beneficiou do regime que ajudou a derrotar e que estava ameaçado de voltar mais cedo para casa, foi buscar no povo o amparo que os partidos lhe negavam. Obteve. Há uma semana, quando o programa agora dado à luz era um segredo ainda compartilhado por poucas pessoas, Sarney confessou que se fracassasse a iniciativa que estava para tomar, seria sua obrigação convocar, ainda para este ano, eleições diretas para a escolha do seu sucessor.

No dia seguinte, consentou o que dissera. Admitiu que o fracasso da luta contra a inflação levaria o povo a repudiá-lo, a ponto de ele ser obrigado a deixar o poder antes de passá-lo ao presidente eleito. Até brincou com a hipótese de ser banido para a ilha de Fernando de Noronha, onde se reuniria aos três haitianos asilados por lá. "Antes, eu mandaria removê-los", gracejou. Porque não deseja se aposentar antes do tempo, nem tampouco lhe agrada o desterro de uma ilha, o presidente está disposto a ir até os limites do seu poder para fazer valer suas ordens.